

Teopoética: O que a literatura ensina à teologia e dela aprende?

*Theopoetics:
What does Literature Teach and Learn from Theology?*

ELIANA YUNES*

Resumo: O presente artigo fomenta a justa e necessária relação entre teologia e literatura. A teologia, muito sincera e desejosa de ser fidedigna ao sagrado, incorre em leituras que resvalam para o dogmático e queimam o ardor da inspiração e da súbita epifania que antevê o Real inacessível. De lugar liberto e sabidamente imperfeito, a literatura quer pescar a perfeição intransitável, mas entrevista pelo discurso poético – e por que não? – apofático, com que tentamos exaustivamente – e em vão – dar conta da vida e de sua densidade.

Palavras-chave: Teologia. Literatura. Sagrada Escritura. Poesia.

Abstract: This article fosters the just and necessary relationship between theology and literature. Theology, very sincere and desirous of being faithful to the sacred, incurs in readings that slide into the dogmatic and burn the ardor of inspiration and the sudden epiphany that foresees the inaccessible Real. From this liberated and notoriously imperfect place, literature wants to fish for impassable perfection, but it interviews through poetic discourse – and why not? – apophatic, with which we try exhaustively – and in vain – to account for life and its density.

Keywords: History. Disability. Society. Technology. Happiness.

* Eliana Lucia Madureira Yunes é Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Contato: eliana.yunes@gmail.com

1 Considerandos

Numa entrevista gravada na PUC-Rio com D. José Tolentino, Reitor da PUC de Lisboa,¹ em 2015, para a revista L.E.R, do Instituto Interdisciplinar de Leitura, escrevi a seu pedido a curta reflexão que eu fizera sobre este campo de aproximação interdisciplinar entre teologia e literatura, antes de nosso encontro. Ele, no Natal de 2018, tomou a Teopoética como matéria de reflexão para o retiro anual que pregou ao Papa (Tolentino, 2019). Ali, lendo textos de Pessoa, Clarice, Donne, entre outros escritores que circulam em nosso mundo letrado, flagra “revelações” humanas do Emanuel, por um caminho acadêmico que passou a ter nome de área de estudos: Teopoética.

Escrevi, então, e ficou inédito:

“Pensar as relações íntimas entre a literatura e a teologia poderia parecer algo profano e até herético há menos de um século. Contudo, novas perspectivas sobre a linguagem, o tratamento do discurso, tanto das ciências quanto das artes, que está focado menos na discussão da veracidade e mais no modo como a apresentamos, fizeram com que fosse possível falar em interdisciplinaridade, mesmo quando os “objetos” dos estudos parecerem tão díspares como neste caso, revelação consentida e ficção assumida. Seja a vida humana, seja a *pessoa de Deus*, somente com os recursos da linguagem dos homens, logram ser representadas, assim como as aproximações incompletas e provisórias desta totalidade inalcançável da relação entre criatura e Criador.

Convencer-nos de que a distância entre o Real e sua expressão só pode ser preenchido a partir de abordagens que, no afã de busca, encontram linguagens múltiplas, – seja das matemáticas e das ciências, da ficção e das artes – abre espaço para admitir menos certezas e mais humildade ao enfrentarmos os mistérios que só se alargam com as descobertas e invenções (Gleiser, 2019). Neste caso, as declarações e assertivas, dadas em certo tempo e espaço na História, mostram-se cada vez mais inacabadas e pendentes de novos olhares que apreendam os horizontes que se rasgam.

Disto não escapa a teologia que, debruçada sobre a linguagem vivamente metafórica e alegórica das sagradas escrituras, perscruta o que não sabe ou entende de Deus na ‘revelação’ do Ser na História, vivida por Jesus e tecida em discurso humano, seja na sua produção, seja na sua recepção. Porque a palavra da revelação está dirigida aos homens, para que escutando, ouçam e olhando, vejam. E o filtro desta verdade insondável é a própria vida criada, inteligente e sensível, que se manifesta nas narrativas – plurais – que cercam esta relação complexa com o mistério.

¹ Disponível em: <https://youtu.be/9TYO2WP2YMM>. Acesso em: 27 dez. 2023

Por outro lado, a literatura entre as artes, por usar da palavra, – criadora desde o “*Fiat*” no Genesis até o *Verbo caro factum est* em João – instaura mundos possíveis que habitam o coração do homem, sua ânsia e desejo de perfeição, de amor, de infinito e de imortalidade. A literatura desvela as aparências da realidade e perscruta o Real com a potência humana, em busca da verdade que a possa satisfazer.

Daí que bastante longe do solipsismo concebido pela filosofia idealista, a linguagem sem poder ser espelho do Real, descreve e/ou postula a realidade de múltiplas perspectivas. As linguagens a que recorreremos convocam todas o desejo de conhecer mais e melhor sobre todas as coisas, porque onde estiver a verdade, aí não estará o erro que engana e causa sofrimento. A linguagem funciona como recurso que se ajusta continuamente às experiências que nos dão a ver/ler dimensões antes insuspeitadas. E quanto mais esta linguagem se abrir ao indizível, mais se aproxima do não-dito que, no entanto, se estende subentendido no dito expresso de nosso conhecimento imperfeito.

Deste lugar de perguntas, fala a teologia que muito sincera e desejosa de ser fidedigna ao sagrado, incorre em leituras que resvalam para o dogmático e queimam o ardor da inspiração e da súbita epifania que antevê o Real inacessível. Deste lugar liberto e sabidamente imperfeito, a literatura quer pescar a perfeição intransitável, mas entrevista pelo discurso poético – e por que não? – apofático, com que tentamos exaustivamente – e em vão – dar conta da vida e de sua densidade.

Podemos, pois, postular que tendo ‘objetos’ distintos, a literatura, pelo fato de lidar com a palavra e imaginar a vida em equilíbrio, a partir da consideração dos desequilíbrios humanos, pode oferecer à teologia caminhos alternativos à discussão metafísica para apurar a Palavra, esta que nos é dirigida como interrogação e expressão metafórica de uma verdade que intuímos, mas não podemos senão pressagiar. Ou crer, segundo quem lê/ouve. Talvez se pudesse dizer, singelamente, que a literatura pode ensinar à teologia seus métodos de construção do sentido e que dela pode aprender a extensão inescotável do transcendente que transparece já no imanente.”

2 Falando em Literatura...

É comum que, a partir do tema, do enredo, do perfil de uma personagem, desencadeie-se a provocação para a leitura que trança interdisciplinarmente a poética, esta vizinha da mística, da reflexão teológica que se funda em Escrituras. Decidi mudar o rumo da prosa neste artigo e trabalhar a partir da forma,

evidentemente coisa uníssona à substância que expressa no dito conteúdo. Empresto dois poemas de João Cabral de Mello Neto (1994) e inspirada por eles, quero pensar no que poderiam ser as relações entre Literatura e Teologia.

O poeta pernambucano tem dois poemas provocativos em torno à dialética entre o Mar e o Canavial, em Educação pela Pedra: *o que o canavial e o mar ensinam ou não* um ao outro espelha-se *no que o canavial e o mar aprendem ou não* um do outro. Entre o vegetal e o mineral, que trocas são possíveis aos olhos do poeta? Folha e água dialogam ao ritmo da cana e da onda em vagas, espraiando na extensão desmedida e comedida com que se inscrevem no espaço-tempo.

A poesia de Cabral é tomada pela sua concretude substantiva, pela economia verbal, extremamente seca e de árdua leitura. Ele mesmo reputava seu trabalho como poesia para ser vista e não ouvida, tanta era a geometria de seus versos e tão pouca a melodia na oralidade. Ritmo seco, batido, canto-chão andaluz, compasso nordestino dos textos de cordel. Em *A Descoberta da Literatura*, só a entrada do poema já serve de mostra de sua síntese rítmica:

No dia-a-dia do engenho,
toda a semana, durante,
cochichavam-me em segredo:
saiu um novo romance.
E da feira do domingo
me traziam conspirantes
para que os lesse e explicasse
um romance de barbante.
Sentados na roda morta
de um carro de boi, sem jante,
ouviam o folheto guenzo,
a seu leitor semelhante,
com as peripécias de espanto
preditas pelos feirantes.[...]

Pode-se concordar que estes folhetos foram mesmo sua entrada no literário, que, curiosamente, lia em voz alta para os homens da eira, analfabetos, em seu descanso. Daí mesmo, provavelmente, deve ter nascido sua consciência política, aguda, seu olhar pelos marginalizados que, afinal, o consagraram em

Morte e Vida Severina, coadjuvado por Chico Buarque no cancionero popular. E ali impacta a explosão da vida após tantos signos de morte, a arrebatar o leitor. O poema acima já indicia esta lucidez nascente.

Mesmo quando sua poesia muda de cenário, ali vai a marca da cadência anti-lira, como a taxava e foi assim reconhecida pela crítica (Costa Lima, 1969). Em um célebre poema carregado, contudo, da memória de Pernambuco, acompanhamos o coração aos saltos,

De um Avião:

Se vem por círculos na viagem

Pernambuco – Todos-os-Foras.

Se vem numa espiral

da coisa à sua memória.

O primeiro círculo é quando
o avião no campo do Ibura.

Quando tenso na pista
o salto ele calcula.

Está o Ibura onde coqueiros,
onde cajueiros, Guararapes.

Contudo já parece
em vitrine a paisagem.

O aeroporto onde o mar e mangues,
onde o mareiro e a maresia.

Mas ar condicionado,
mas enlatada brisa.

De Pernambuco, no aeroporto,
a vista já pouco recolhe.

É o mesmo, recoberto,
porém, de celulóide.[...]

O poema antepõe a cega distância que o avião toma de Pernambuco à visibilidade cada vez mais límpida que tem do “núcleo de seu núcleo”, o homem pernambucano. Difícil negar a emoção em que germina a razão do poema.

Imagine-se que seu poema de amor, declarado, e forte, se intitula *Paisagem pelo telefone*. Eis o trecho em que ele traça a sedução, pelo cenário:

Sempre que no telefone
me falavas, eu diria
que falavas de uma sala
toda de luz invadida,
sala que pelas janelas,
duzentas, se oferecia
a alguma manhã de praia,
mais manhã porque marinha,
a alguma manhã de praia
no prumo do meio-dia,
meio-dia mineral
de uma praia nordestina,
Nordeste de Pernambuco,
onde as manhãs são mais limpas,
Pernambuco do Recife,
de Piedade, de Olinda,
sempre povoado de velas,
brancas, ao sol estendidas,
de jangadas, que são velas
mais brancas porque salinas,
que, como muros caiados
possuem luz intestinal,
pois não é o sol que as veste
e tampouco as ilumina,
mais bem, somente as desveste
de toda sombra ou neblina,
deixando que livres brilhem
os cristais que dentro tinham.
Pois, assim, no telefone
tua voz me parecia
como se de tal manhã
estivesse envolvida,
fresca e clara, como se
telefonasses despida,[...]

João Cabral é um homem culto, diplomata que nunca perdeu de vista, apesar da cegueira que o acometeu na velhice, os longes deste solo barrento, nem esqueceu o Capiberibe em pântanos, como *um cão sem plumas*, sem adornos, que corta magro o Recife. Do outro lado do Atlântico, vai buscar em Miró (Melo Neto, 1969) e no movimento de superfície em plasticidade, o reforço crítico de que carece para asseverar que o profundo bóia, em poucas figuras. Uma de suas outras obsessões pelas paisagens aponta para o canavial e para o mar, alegoria de ondas que se miram, uma em açúcar e outra de sal, uma à espera de ser colhida, outra aberta para ser contida. Que abraço é este, que comunhão se desenha entre elas?

Parafraseio as perguntas feitas nos poemas, e que podem ajudar a pensar as relações que sustentam uma possível Teopoética, como tento apresentar:

1. O que a literatura *sim, ensina* à teologia e *esta aprende* dela?
2. O que a teologia *sim, ensina* à literatura e *esta aprende* dela?
3. O que teologia *não aprende* da Literatura, nem lhe ensina?
4. O que a literatura *não aprende* da teologia, nem lhe ensina?

Uma cumplicidade se desenha, uma aproximação se dá entre o que parece distante e de outra “natureza”. Mas há uma singularidade que se preserva e não foi aprendida. Por isso, não pode ser ensinada. Está no *núcleo de seu núcleo* e lhe dá a força própria de sua existência.

3 Cruzando os fios

A referência que tomo aqui está nos poemas intitulados *O mar e o canavial* e *O Canavial e o Mar* (Obra Completa, 1995, p. 335 e 340) em que o eixo semântico-semiótico é *sim x não*, em conjunção dos verbos *ensinar x aprender*, enquanto ação fundamental da relação entre os dois campos, mar e canavial: *o sertão vai virar mar e o mar virar sertão* – refrão místico de profecias populares desde Antonio Conselheiro (Cunha, 2018).

No livro *A educação pela pedra*, dedicado como uma espécie de “antiliria” a outro grande poeta pernambucano, Manuel Bandeira, reinventor da lírica moderna brasileira, João Cabral de Melo Neto intensifica a relação entre canavial e mar, mostrando que é possível encontrar paralelismo entre suas diferenças e semelhanças, uma dialética entre a realidade e a poesia, entre *a troca e a tarefa* (Bojunga, 2014). As analogias são estabelecidas estrofe a estrofe, entre os poemas, com a aprendizagem transferida e a originalidade reservada, para respeito às singularidades. Vejamos os poemas e seus jogos cruzados de sentido:

- O MAR E O CANAVIAL
- A o que o mar sim aprende do canavial:
a elocução horizontal de seu verso;
a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos. (Aprende)
- B o que o mar não aprende do canavial:
a veemência passional da preamar;
a mão-de-pilão das ondas
na areia, moída e miúda, pilada que pilar. (Não Aprende)
- C o que o canavial sim aprende do mar:
o avançar em linha rasteira da onda;
o espraiair-se minucioso, de líquido,
alagando cova a cova onde se alonga. (Aprende)
- D o que o canavial não aprende do mar:
o desmedido derramar-se da cana;
o comedimento do latifúndio do mar,
que menos lastradamente se derrama. (Não Aprende)
- O CANAVIAL E O MAR
- E o que o mar sim ensina ao canavial (o canavial aprende do mar C)
o avançar em linha rasteira da onda;
o espraiair-se minucioso, de líquido,
alagando cova a cova onde se alonga. (O mar Ensina)
- F o que o canavial sim ensina ao mar (o mar aprende do canavial A)
a elocução horizontal de seu verso;
a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos. (o canavial ensina)
- G o que o mar não ensina ao canavial (e não aprende do canavial (B)
a veemência passional da preamar;
a mão-de-pilão das ondas - é seu fazer específico)
na areia, moída e miúda, pilada que pilar.
- H O que o canavial não ensina ao mar (e não aprende do mar (D)
o desmedido derramar-se da cana;
o comedimento do latifúndio do mar, - ... têm ambos sua medida)
que menos lastradamente se derrama.

Benedito Nunes denomina tais textos “poemas emparelhados” (2001). Talvez estes jogos de linguagem possam esteticamente ilustrar os processos pelos quais o conhecimento, por incompleto, necessita aproximar-se de outro para um reconhecimento de si, como aponta longamente Ricoeur em *O si mesmo como outro* (2014). Fora de uma aproximação, as extensões podem se tornar absolutas e perigosas. As grandezas no encontro comparativo vão perder, de si mesmas, qualidades e abrangências tidas como exclusivas. (A:F e C:E).

Há, contudo, um certo tipo de singularidade que marca o *per se*. e no cotejo surgem, justo das semelhanças, impropriedades não dimensionadas (D-H; B-G). Elas podem derivar não da natureza do si mesmo, mas da temporalidade e das circunstâncias que fazem passar a *ipsiedade à mesmidade* ricoeuriana (Ricoeur, 2014). Trocando saberes, há, no entanto o que não se aprende porque *é tarefa* sua, própria, realizar (B/D) e não se pode ensinar ou o que não se pode dar à *troca*, a aprender. (D/H)

O que a cana saberia de si, no tempo, que à água marinha é desnecessário aprender? Sendo similares em seu *derramamento*, qual a diferença entre os latifúndios do mar e do canavial? Em que o canavial se desvia da aparente analogia?

Se conferimos os versos dos dois poemas veremos que afinal, duas das estrofes em cada poema, especularmente assinalam *o que um aprende e o outro ensina*, em estrofes cruzadas (A-F) e (C-E) e se projetam no diálogo água e terra e sertão e mar; duas outras, (D-H) e (B-G) neutralizam-se entre si (*nem aprende, nem ensina*) e apontam para uma singularidade sua (B-D), a do mar e a do canavial. Neste caso, *cada um se afirma pelo que não ensina ao outro, nem dele aprende*, sendo assim o que é: do próprio seu, sua ipseidade.

No jogo complexo que se instala, há o que não se ensina tanto por um como outro: (G/H) o que se constitui na única estrofe em que a troca perde o interesse. O campo do vegetal e só o dele (não o do mineral) foi destituído de seus limites e seu derramamento é *deslastrado*. A monocultura açambarca o espaço. O mar é o que é nos seus limites, o canavial vem sendo desmensurado (sua mesmidade). Uma crítica sutil, mas ferina, anota o latifúndio *desmedido* do canavial, da monocultura, da usina. A identidade do canavial está marcada quatro séculos de *descomedido* avanço em abusos sobre a terra e o homem, enquanto o mar acolhe e guarda vidas diferentes. João Cabral não escreveria um poema tão medido e cerebral se não fosse movido por uma causa recôndita, social e humana.

Postulo que este jogo de versos e estrofes de João Cabral possa suscitar algo para as trocas interdisciplinares e seus limites que, imagino, possam se dar entre a literatura e a teologia.

De fato, o exercício teórico, tomado de empréstimo ao poeta pernambucano, não quer utilizar a Teopoética para tratar de um discurso literário que se que equivalha a um discurso teológico. Talvez o mais ousado nesta reflexão seja tomar os poemas citados e profanos como modelo de desafio para pensar o diálogo entre duas áreas vizinhas e diversas, assim como aquilo que os dois campos de saber e seus dois discursos podem aprender ou não de suas práticas.

4 Interdisciplinaridade Teopoética

Os saberes humanos foram distinguidos no esforço empreendido pela ciência na idade moderna, para pôr-se de pé frente a filosofia. A poesia viveu o mesmo dilema no trato metafísico das humanidades, como matéria imponderável e sujeita a experiências subjetivas sem controle ou avaliação plausíveis, sobretudo frente às ciências ditas exatas. Ah, sim são belos..., mas a que serve a beleza? A pergunta é fruto do equívoco já reconhecido em tratar a estética, a ética e a lógica, como áreas delimitadas *per se* univocamente, assim como a hierarquização entre o saber ficcional e o inventivo: Edgard Morin (2003) escreveu milhares de páginas a respeito, demonstrando a transdisciplinaridade com base em fundamentos teórico-metodológicos.

Vizinha da mística, a poesia se verá numa condição de suprarreal, quando na verdade o que ignoramos efetivamente é o *real* para o qual não há linguagem – a não ser a do silêncio. Sobre a impossibilidade de alcançá-lo enquanto certeza duradoura – eterna? – construímos com base em ideias associadas ao poder circunstancial, uma representação tomada como realidade que jamais é uniforme, nem contínua e por isso não pode ser comum, nem estável, haja vista a peleja que a cerca. De quantas formas percebemos os eventos? Segundo o lugar do qual se fala, o lugar de enunciação e conforme o repertório de enunciados que trazemos (Yunes, 2002).

O recurso ao ficcional, atributo do imaginário dos homens, desde sempre pareceu perigoso, por ser sujeito ao engano, na ponderação platônica. Esta acusação primeira, de nos equivocarmos com as sombras, com o que parece, mas não é, apesar de todas as explicações depois de mais de dois milênios, segue sendo o calcanhar de Aquiles nas discussões ditas objetivas.

Pelas frestas, ainda que simulando a experiência humana, ela insinua e denuncia a dissimulação que encoberta as tensões pela aparente uniformidade

consentida. A História, à distância, o reconhece. A literatura, no entanto, resiste às intempéries históricas no seu cerne: Antígona vive, Fausto vive, a Odisseia é hoje. A filosofia se alterou, a história variou, mas a arte diz o novo com o velho, o contemporâneo com o antigo, e se torna a referência durável do que muda sempre.

Nisto mesmo, talvez esteja um ensino possível da literatura para a teologia. O ficcional em *Dom Quixote*, não precisa mudar uma palavra, como o demonstrou Borges para que Pierre Menard pudesse ser seu novo “autor” (Borges, 2007). Muda sempre, porque é histórica, a contextualização do imaginário e também a percepção de um Deus, a compreensão humana de Deus, o discurso sobre Deus. A infalível teologia que queimou hereges como adversários da verdade, nos últimos anos para não morrer, precisou se rever, rever-se à luz da Palavra Sagrada que não muda, mas cuja atualidade é desmistificadora da paralisia que quer reter os fiéis em doutrina na qual não cabe sua realidade. *Isto a teologia, sim, aprende da literatura, a recepção que muda segundo os tempos, porém sem alterar a palavra e o texto.*

Segundo a enumeração primeira, podemos considerar que a literatura ensina e a teologia aprende.

Apesar de todas as polêmicas ainda abertas, a recepção do Evangelho, pós Vaticano II, trouxe leituras (in)suspeitadas às exegeses tradicionais. Se me disponho ir a Gustavo Gutierrez, da Colômbia; Jon Sobrino, de El Salvador; Leônidas Proaño, do Equador; Juan Luis Segundo, do Uruguai; Leonardo Boff, no Brasil; aos europeus Queiruga, Bultmann, Tillich, Rahner e ainda agora, a Pagola e Castillo; *mas sobretudo a von Balthazar, Kuschel, Barth, Küng, entenderemos que a provocação da história à teoria da literatura, por H. R. Jauss (1994), acabou por se tornar provocação desta às teologias, em que os contextos da Palavra proclamada alteram seu sentido em uso, sem alterar sua significação.*

Consideremos, pois, brevemente, o que hoje pensa a teoria literária como contributo da literatura à ordem do conhecimento. O mundo ficcional abre horizontes para o entendimento dos dilemas e das contradições que povoam nossas práticas de convívio e de mutualidade. Mas a literatura não se põe como reflexo do mundo; sua refração ao atravessar a realidade se abre em prisma, pois leitores múltiplos a acolhem e expandem, segundo a força de sua própria história.

A teologia, cujos ventos chegam tardiamente ao Vaticano, parece nos dizer por vozes marginais que “quem tem boca não precisa ir a Roma”. O que

faz a literatura de Garcia Marquez, de Guimarães Rosa, de José Saramago, Amos Oz, senão devolver as questões humanas à bíblia onde – diz o mesmo Borges (1992), – estão todas as narrativas fundamentais?

Uma hermenêutica viva ajudaria a localizar nas obras destes e de outros literatos, as fontes formais dos sentidos que atravessam a vida humana. Caberia, pois, à teologia indicar à literatura, a permanência do anseio pela vida plena, sua busca ininterrupta, atravessada por uma lógica desconcertante, a do sagrado. Poderíamos dizer que a teologia, sim, ensina à literatura a inesgotabilidade das questões que constituem a vida e os atalhos por onde nos revela o essencial na existência e surpreende. A parábola do Filho pródigo desconcerta o bom senso.

Ler e interpretar *Ricardo III* de Shakespeare se apresenta como um inesgotável acervo dos artifícios dispostos para a preservação do poder de que a história dos livros dos Reis, incluídos Davi e Salomão, são registros lapidares. Estas histórias “sagradas”, postas em verbo humano, podem ser tomadas como narrativas “profanas”.

Aqui, na hipótese paralela ao moto cabralino, a teologia ensina e a literatura aprende.

Por outro lado, a literatura considerada no pós-estruturalismo teve o enlace teórico e crítico com os estudos culturais, e viu sua narratividade ficcional se expandir a outros discursos artísticos. O eixo de sua literalidade que se escora em sua matéria e forma foi tomado por outras linguagens como o cinema, a música e as artes plásticas. Os ensaios de Hans Urs von Balthazar e de Hans Kung, respectivamente com a literatura e a música confirmam um diálogo que não mais se pode refutar.

Küng (in Lima Vaz, 2000) pensa que o artista quer sempre afirmar algo não-visto, quer sempre transmitir um “insight”. E por isso nenhuma instituição política ou cultural, e muito menos a Igreja, lhe pode atribuir um juízo moral negativo. “*O que se apresenta como absurdo pode ter um sentido íntimo oculto*”, argumenta. Isto acarreta que estejam sempre abertos à dimensão religiosa e ao futuro, a arte e o artista ainda que apenas o intuem. Porque a linha de fuga do ser humano está na perspectiva do mistério de sua existência e da sua relação com o universo.

Na teologia, desponta a admissão de que as narrativas sagradas, além da dimensão simbólica, carregam uma dimensão ficcional sem o que a narratividade se esgotaria numa expressão locutória e dogmática: assim seja. Esta afinidade da arte com o deslocamento próprio do sagrado, indizível,

propiciou à teologia certa forma de conteúdo cuja “literariedade”, ao do apenas entrevisto, dá à sua substância que é o trato do inefável, uma expressão possível. Os poemas de Juan de la Cruz ou a prosa de Tereza de Ávila, sem veleidades profanas, acompanham os procedimentos estéticos que logram tocar o inexprimível pelo olhar *poiético*. A arte, na consideração de Hans Küng, é um modo de expressão que “pode despertar a nossa paixão pela liberdade e veracidade, a nossa fome de justiça e de amor, o nosso desejo de comunhão, de reconciliação e de paz”

Endossando em segundo plano a resposta à primeira questão, aqui também a literatura ensina e a teologia aprende.

Ao mesmo tempo, o discurso teológico contemporâneo tem podido afirmar a dignidade da pessoa leiga, de homens e mulheres, personas do cristianismo, como “cidadãos do Reino”, o que faz poder esboçar de modo semelhante as personagens da literatura, miseráveis e ainda assim cidadãos do mundo. Por elas, o romance e a poesia têm cobrado a face humana do homem, perdida no mercado e no consumo, nos negócios e nos lucros incessantes. A face humana que Deus vestiu para falar do Pai, para convidar ao banquete do Reino.

Justamente são os tais valores cristãos que escoram a defesa resiliente do bem e o clamor por justiça. As obras de arte mais emblemáticas deste século mundano carregam estas marcas transcendentais. Basta pensar no *Guernica*, de Picasso ou em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Ratifica-se a conjectura de que a teologia ensina e a literatura dela tem ainda o que aprender.

5 Singularidades

Há, com certeza, questões muito particulares que fazem com que a teologia e a literatura, usando ambas a experiência da “inspiração” e do imaginário como recursos de substância de conteúdo, manifestos na forma de expressão, conservam, no entanto, o que não ensinam e não carecem de aprender do outro, porque sua sonoridade e sua combinatória são de natureza específica.

A dimensão da fé escapa ao literário, mesmo quando a mística poética transborda em entregas metafóricas, por insondáveis. Esta é uma lição de impossível transferência e de natureza inútil ao aprendizado da literatura. O discurso teológico tem como premissa para sua busca e argumentação, o princípio inarredável da revelação sobre a qual se assenta todo o seu edifício.

De nada serviria à literatura emprestar-lhe esta dinâmica incontrolável, porque “o Espírito sopra onde quer”, enquanto o homem assume controlar a pena ou o teclado e quando desborda, nem sempre cura.

À *literatura cabe reconhecer-se fingidora*, saber-se ficção, e ainda que não minta, postular-se como verdade, embora avance sobre a expansão de seu território demasiado circunscrito pelas representações com que é identificado o estado de coisas no mundo. É sua condição, na visão aristotélica, para constituir-se como discurso. Parece o que é e finge ser, tantas vezes punida como inaceitável.

Com certeza, isto não teria proveito ao teológico que, cada vez mais, aponta a esquecida dimensão espiritual do humano, sem descartar a do corpo e mente, do afeto e razão, que não logram atestar pela ciência e técnica, o experimento do transcendente. Ao contrário, as pesquisas históricas (Pagola, 2011) sobre o homem de Nazaré, acentuam sua humanidade plena, a que Deus, no Gênesis, apontou como semelhança divina.

Apesar dos versos cruzados e dos conceitos em diálogo, resta admitir que falta ainda muita sabedoria para sintonizar o que aprendemos em esferas diferentes do conhecimento e corroborar uma aproximação à extensão do cosmos, de que somos a poeira lúcida.

Nesta conjugação de poemas e interdisciplinaridades (Miles, 2002), a lição do conhecimento não alcança a sabedoria desejável de uma língua plural, anunciada no *falar em línguas*, no escutar dos discursos em seu próprio campo de inteligibilidade, no ler a vida sem véus e escrever *teopoeticamente* a experiência de ser co-criador, conforme o convite já presente no Gênesis. (2,19)

Referências

BALTHAZAR, U. von. *The Theology of Karl Barth*. San Francisco: Ignatius press, 1992.

BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga Editora, 2014.

BORGES, Jorge Luiz. *Ficções*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BORGES, Jorge Luiz. *Borges Oral e Sete Noites*. São Paulo: Ed. Leviatã, 1992.

CONSELHEIRO, Antonio. In CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Ed Ciranda Cultural, 2018.

COSTA LIMA, L. F. *Lira e AntiLira*. Rio de Janeiro: Ed Civilização Brasileira, 1969.

- GLEISER, Marcelo. *O caldeirão Azul*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- JAUSS, Robert H. *A história da Literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as Escrituras: retratos teológico-literários*. Tradução Paulo Astor Soethe et al. São Paulo: Loyola, 1999.
- LIMA VAZ, Henrique C. *Experiencia Mística e a Tradição Ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra* in *Obra completa: volume único*. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 338
- MELO NETO, J. C. *Miró*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco. Continente, 2019.
- MILES, Jack. *Deus, uma biografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- MORIN, Edgard. *A Cabeça bem-feita*. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 2003.
- NUNES, Benedito. *A máquina do poema*. Ed. Edu/UNB: Brasília, 2001.
- NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974 (col. Poetas Modernos do Brasil, 1).
- PAGOLA, J. Antonio. *Jesus, aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PALUMBO, Cecilia A. *La literatura en la estética de Hans Urs Von Balthasar*. Salamanca: Secretariado Trinitariano, 2002.
- RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SOUZA LIMA, Vera L. "A formação do repertório de leituras". In YUNES, Eliana. *Pensar a Leitura*. São Paulo: Loyola, 2002.
- TOLENTINO, José. *O elogio da Sede*. São Paulo: Paulinas, 2019.

Artigo recebido em 27/12/2023 e aprovado para publicação em 07/05/2024

Como citar:

YUNES, Eliana. Teopoética: O que a literatura ensina à teologia e dela aprende? *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 379-393, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i46-2024-12>